

## CONFERÊNCIA

### **Algumas contribuições do estudo da cultura material para a discussão da história da colonização da América do Sul<sup>1</sup>**

*Pedro Paulo de Abreu Funari/UNICAMP*

Antes de mais nada, gostaria de começar esta conferência agradecendo ao convite que me foi feito, de dissertar, esta noite, sobre um tema relacionado à problemática geral deste evento sobre “Cultura e Movimentos Sociais”. Em um encontro como este, de caráter interdisciplinar, pareceu-me apropriado tratar de uma temática já bastante conhecida, as características da colonização do continente sul-americano, enfatizando, porém, uma categoria de documentação ainda pouco explorada entre nós, a cultura material. A cultura material, que pode ser definida como todo o universo de coisas que perfazem a vida em sociedade, constitui objeto de investigação de diferentes pesquisadores, a começar, naturalmente, pelos arqueólogos históricos, mas, na verdade, abrangendo uma pletera de campos afins, como a História da Arte, a História da Arquitetura, os estudos do patrimônio, sem contar a Antropologia, a História e as Ciências Humanas em geral. Meu objetivo, nesta exposição, será, em certo sentido, didático, ao apresentar pesquisas recentes que podem lançar luz sobre diversos aspectos da colonização contrastante das Américas Hispânica e Portuguesa, mas, também, incluirá uma proposta de hermenêutica da História e civilização americanas a partir da cultura material<sup>1</sup>, “capaz de elucidar tão bem o passado”, nas palavras recentíssimas de R. Graham e S. Graham<sup>2</sup>.

A Arqueologia Histórica, como disciplina que estuda as sociedades com contrastes de classe a partir, em primeiro lugar, das evidências materiais, desenvolveu-se apenas recentemente. Nos Estados Unidos, a disciplina iniciou-se na década de 1960 mas, na América do Sul, apenas se difundiu nos últimos quinze anos, como resultado do triunfo da democracia liberal, desde meados da década de 1980, pois, durante o período de ditadura militar, regimes autoritários não apoiavam estudos arqueológicos do período histórico, já que, quase inevitavelmente, estudar-se-ia

a vida da gente comum. A Arqueologia Histórica desenvolveu-se de maneira muito desigual nos diferentes países da América do Sul. Como essa disciplina, tradicionalmente, centrou sua atenção nos restos europeus, não surpreende que tenha se desenvolvido naqueles países cujas identidades nacionais estejam mais diretamente ligadas à Europa, como é o caso da Argentina, Uruguai e Brasil.

A Arqueologia urbana é um campo de pesquisa que tem se destacado. Diversos sítios urbanos foram escavados e mesmo se, na maioria dos casos, não é possível reconstruir o contexto urbano como um todo e suas mudanças com o tempo, as escavações produziram evidência material que pode ajudar a um melhor entendimento da cidade na América do Sul. Além disso, graças a métodos não destrutivos, como levantamentos de superfície, o estudo de mapas antigos e outros materiais iconográficos, tem sido possível propor meios de compreensão da cultura material urbana em diferentes contextos históricos e geográficos. Em termos gerais, devemos diferenciar as cidades hispânicas, caracterizadas por sua localização planejada das ruas e dos edifícios públicos, que se baseia em um quadriculado, das cidades portuguesas, antes de mais nada um amontoado medieval de casas que seguem as curvas das elevações<sup>3</sup>. Esta oposição existia já na Península Ibérica, onde a independência precoce de Portugal foi mantida e reforçada pela diferenciação em relação à Castela, primeiro, e à Espanha, depois. Embora a maioria dos analistas chamem atenção para a invenção da língua portuguesa, a partir do galego, como uma maneira de manter a identidade de Portugal, esta não foi, provavelmente, a característica distintiva subjetiva principal, no período final da Idade Média, pois línguas diferentes continuaram a ser usadas naquilo que seria a Espanha, e isto por muitos séculos, até o presente. Diversas diferenças culturais foram patrocinadas pela coroa portuguesa. Não menos importante foi a manutenção do padrão medieval de assentamento urbano, em claro contraste com a introdução do moderno planejamento urbano, por parte da coroa espanhola.

Os documentos do período colonial descrevem, em textos e ilustrações, o contexto urbano hispânico, ordenado e previsível, com cidades reproduzidas em diferentes lugares do Novo Mundo, se possível em áreas planas. A colônia portuguesa, ao contrário, teve assentamentos urbanos em colinas, com casas e ruas nas encostas, criando uma miríade de cidades diversas. As cidades hispânicas foram construídas por meio do acréscimo regular de

*manzanas*, conjuntos regulares de casas e praças. Os portugueses não tinham quarteirões, o plano da cidade era um arruamento, termo medieval que deriva de *rua*, como rugas que ocupavam um terreno irregular. A América Hispânica fundou-se nas cidades, de tal forma que nos primeiros cem anos de colonização, já havia 225 cidades hispânicas, alcançando o impressionante número de 330, em 1600. Essas cidades obedeciam às ordenações espanholas quanto às suas características: o assentamento era xadrezado e centrava-se na praça em que os edifícios de justiça, administração e religião se localizavam. A distribuição dos habitantes também era regulada, sendo que os *vecinos*, ou cidadãos, e *habitantes* estariam em locais distintos. No centro, em torno à *plaza mayor*, possuíam casa os colonos mais importantes, ainda que os serviçais, índios e negros, habitassem a mesma área. A maioria dos habitantes era classificada como plebéia, incluindo uma variedade de “*raças*”, estabelecidas por diferenças de status, cor da pele e aparência geral, vivendo, pois, a população comum nos quarteirões periféricos.

Santa Fe la Vieja é, provavelmente, o melhor exemplo de uma cidade colonial hispânica antiga, na América do Sul, que tenha sido objeto de pesquisa arqueológica. Foi uma cidade fundada perto do Rio da Prata, em 1573, e seu plano urbano foi, depois, reproduzido em Buenos Aires, quando esta foi definitivamente fundada, em 1580, de maneira que buscar Santa Fe la Vieja é como encontrar uma Buenos Aires desaparecida. O quadriculado introduzido nas Américas por Nicolás de Ovando em Santo Domingo, em 1502, serviu como modelo para a maior parte das cidades hispânicas, incluindo-se aí Santa Fe la Vieja, tendo sido, na verdade, tornado lei por Filipe Segundo, no mesmo ano de 1573. Três edifícios eram estabelecidos por essa ordenação: *Plaza Mayor*, *Iglesia Mayor* e *Cabildo* (câmara municipal). Santa Fe la Vieja alcançou um ápice de 500 habitantes, mas foi afetada por inundações freqüentes e a câmara municipal decidiu, em 1660, transladar toda a cidade para um local melhor, ainda que reproduzindo o traçado original, fundando a moderna cidade de Santa Fe<sup>4</sup>.

Santa Fe la Vieja oferece, assim, uma oportunidade única de estudar uma cidade abandonada, de uma maneira que seria impossível em uma cidade em uso normal por centenas de anos, como é o caso de outros assentamentos hispânicos. Como a cidade foi abandonada, os edifícios foram, gradativamente, sendo destruídos pelo vento e pela chuva, mas, ainda nas últimas décadas

do século passado, havia restos visíveis do antigo sítio. Depois, o local não mais foi identificado e, em 1948, a Assembléia Provincial varou uma lei exigindo a localização da antiga cidade e Zapata Gollán encontrou-a e a escavou, em 1949 (Figuras 1 e 2) [anexos 1 e 2]. Desde então, escavações produziram material arqueológico, principalmente, restos humanos e cerâmica<sup>5</sup>.

O estudo da distribuição espacial dos fragmentos cerâmicos permitiu distinguir os quarteirões centrais e periféricos da cidade da seguinte maneira:

QUADRO 1

Quarteirões	Produção local	Importações hispânicas	Outras importações
Centrais	48%	51%	1,2%
Periféricos	100%	-	-

Há quatorze tipos diferentes de cerâmica na área central, mas apenas três na periferia e, aparentemente, a produção local servia tanto os que habitavam uma área como a outra. Aqueles que estudaram esses dados interpretaram-nos como o resultado de um tipo de vida hispânico específico, em oposição àquele britânico, representando uma tendência ibérica de incorporação, caracterizada, em primeiro lugar, pela inclusão das mulheres locais nas casas da elite, como serviçais, mas, também, como esposas. É provável que indígenas, negros e *mestizos* devessem comportar-se como bons espanhóis, falar castelhano, arrumar a cama, tecer roupas ao estilo europeu, preparar comidas espanholas e, assim, usar a cultura material européia. Entretanto, o estudo da cerâmica de Santa Fe la Vieja não nos fornece dados suficientemente claros sobre o grau de "aculturação" e há bons motivos para pensar que o uso geral de cerâmica local está a indicar a importância da cultura material local para os cidadãos, em geral. Se a cidade, enquanto ordenação do espaço, construída segundo a lei hispânica, formava a mente de todo habitante, a cerâmica local poderia, também, ser um contradiscurso, produzido pela gente comum, transmitindo e expressando um sentimento de participação em uma sociedade colonial, por meio do uso de potes não-europeus para cozinhar alimentos nativos.

Colônia del Sacramento, hoje uma cidade uruguaia tombada como patrimônio histórico, é um outro exemplo único, pois foi fundada pelos portugueses, em 1680, diante de Buenos Aires, na outra margem do Rio da Prata, como uma maneira de garantir uma base estratégica. A despeito da reação das autoridades

espanholas de Buenos Aires, e o governo hispânico entre 1705 e 1715, o assentamento português floresceu entre 1715 e 1777, quando a cidade foi destruída, em seu ápice. A Arqueologia da cidade centrou-se no Palácio do Governador, na Igreja e no Cemitério, bem como em algumas ruas, e produziu evidência material na forma de cerâmica e restos de comida (Figuras 3 e 4) [anexos 3 e 4]. Descobriu-se que os portugueses consumiam animais não-domesticados, em primeiro lugar pescado, mas também aves, veados e gado comum europeu. A cerâmica usada em Colônia provinha de diferentes países, mas vaso de estilo guarani eram também comuns, como também a cerâmica mesclada, que combinava técnicas pré-históricas e estilos europeus, como no caso de vasos com alças e tampa. É interessante notar que a Colônia hispânica, fundada sobre os restos da cidade portuguesa, não segue o traçado original, em claro corte, em relação aos conceitos urbanos adotados pelos portugueses <sup>6</sup>.

Do outro lado do Prata, Buenos Aires, desde o início, estava em boa posição para tornar-se uma importante sede de governo, inicialmente sede do Governador e, desde 1776, do Vicereinado. A cidade cresceu continuamente, e, na década de 1880, Buenos Aires experimentou uma febre construtiva, no curso da qual a maior parte da arquitetura colonial hispânica foi substituída por edifícios de estilo parisiense, nas primeiras décadas deste século, e a capital argentina sofreu muitas modificações, por exemplo com a construção de um dos primeiros metrô do mundo. Como uma megalópolis, as pesquisas arqueológicas restringem-se bastante, mas ainda há muito que se pode dizer a partir da cultura material urbana da cidade. Como já foi mencionado, seu plano seguia as determinações espanholas e mesmo com suas muitas expansões, sempre respeitou a lógica do seu quadriculado original.

O estudo arqueológico de Buenos Aires desenvolveu-se, desde a restauração do poder aos civis, na década de 1980, principalmente pelo interesse dos arquitetos e seguiu, por isso mesmo, um quadro analítico originário na Arquitetura e no Urbanismo <sup>7</sup>. Buenos Aires tem sido considerada como um imenso sítio-cidade, estudado por meio de escavações de salvamento limitadas. Talvez a melhor maneira de avaliar a contribuição do conhecimento da cultura material seja um estudo de caso, a Imprenta Coni, um sítio que produziu a seguinte evidência cerâmica (Figura 5)[anexo 5]:

## QUADRO 2

Cerâmica de estilo indígena	10,6%
Mesclado	25,7%
Maiólica	38,2%
Cream & Pearwares	16,5%
Comum (espanhola?)	6,7%

Em outros levantamentos, na mesma área, a cerâmica indígena chegou a atingir porcentagens ainda mais altas, 23,04% e Schávelzon<sup>8</sup> interpretou as diferenças de modo cronológico:

## QUADRO 3

Indígena	1580-1800
Mesclada	1590-1800
Maiólica	1580-1800
Vasos de azeite	1580-1850
Creamware	1750-1800
Pearware	1800-1850
Stoneware	1830-1900
Whiteware	1890-1900

A ocupação da área pode ser dividida em quatro fases sucessivas (Figuras 6-11) [anexos 6-11], a primeira delas sem restos arquitetônicos claros (1580-1730), seguida de uma construção humilde, a Casa Rodríguez (1730-1822), cuja demolição permitiu a construção da Casa Goyena (1822-1884); depois, a Imprensa Coni, fundada em 1884-5, mudou o caráter da ocupação, de doméstica para industrial. No período inicial, a cerâmica indígena prevalecia, sendo sucedida pela cerâmica local, que mesclava característica indígenas e européias, com umas poucas importações. A Casa Goyena, de elite, com telhas vidradas, usava pearlware, enquanto a fábrica é conhecida por seus vestígios arquitetônicos. Há, assim, uma clara tendência, do indígena para o mesclado e, daí, para o europeu, do pré-moderno ao moderno, do local ao internacional, e constitui uma boa prova material da europeização pregada pelas elites do final do século XIX. Entretanto, é também verdade que a área encontrava-se sempre mais em contato com o centro da cidade e, por isso, não deveríamos ler essa mudança como uma simples adoção de traços culturais europeus, mas como o resultado de uma sucessão de

ocupações por elementos sociais superiores. É sintomático que uma Imprensa assinala o ápice da identificação com a Europa, na Argentina, já que era uma indústria comparável às mais modernas do mundo, naquele momento, e a imprensa era, em si mesma, um potente símbolo de modernidade e pretensão intelectual. A ênfase de Schávelzon nas mudanças trazidas pelo século XIX, nesta área, poderia ser estendida para Buenos Aires, como um todo, já que indígenas e mestiços e suas culturas, que haviam prevalecido no período colonial, estavam sendo submetidas a um processo de “aculturação”, patrocinada pelo nascente Estado Nacional. Aparentemente, os restos materiais parecem confirmar que esta política foi bem sucedida, mas a continuidade do uso de vasos de azeite, desde o início até meados do século, poderia indicar que o processo de negociação era mais complexo do que se imagina, pois a gente comum podia produzir uma cultura sincrética. Neste caso, podia haver um código semiótico mesclado no qual indígena, mestiço e europeu eram partes indistinguíveis de um *continuum*. O uso de recipientes de azeite, desde o começo, poderia, assim, ser interpretado como a manutenção de alguns hábitos mestiços por um longo período, unindo indígenas, colonos e seus prováveis descendentes, em um modo específico de vida.

A Arqueologia das cidades portuguesas na América não se desenvolveu tanto, por diversos motivos, não sendo o menor, a falta de interesse pelas coisas antigas, em nosso meio e a busca constante da modernidade. A imagem do Brasil é a da capital federal, Brasília, cidade *ex novo*, sem passado. As cidades antigas, como São Paulo ou Rio de Janeiro, pouco fazem para preservar ou escavar seus vestígios materiais. No entanto, as cidades coloniais, como Ouro Preto, patrimônio da humanidade, foram estudadas por arquitetos e historiadores da arte. Nessas cidades, todas estabelecidas em colinas, as ruas curvas não permitiam aos habitantes enxergar muito longe ou ter uma idéia clara do traçado da cidade, absolutamente irregular. A localização dava-se pelas Igrejas, compostas de duas estruturas básicas: uma capela retangular e uma torre para o sino, a primeira com telhado de duas águas e a segunda sendo, em geral, duplicada, com uma torre de cada lado (Figura 12) [anexo 12]. A sociedade era dominada pela Igreja, nos dois sentidos, como instituição cujas regras eram aceitas como naturais, e como forma física, o edifício da Igreja, espalhado pelo tecido urbano e conformando as paisagens reais e imaginárias<sup>9</sup>.

A arquitetura e a decoração das Igrejas era, no período

colonial, o foco da atenção das pessoas, recriando, no Novo Mundo, uma atitude medieval de reverência, em relação à autoridade eclesiástica. É, pois, natural que o estudo da cultura material das cidades coloniais se tenha concentrado nas Igrejas. O melhor exemplo é o estudo de Aleijadinho (1730-1814), cuja complexidade estilística começa com sua interpretação criativa dos modelos europeus, que conhecia apenas indiretamente, pelo uso de ilustrações. A Igreja de São Francisco, em Ouro Preto, atribuída a Aleijadinho, permite perceber melhor a dialética da influência européia e a compreensão local, pois a arquitetura erudita barroca era, no contexto colonial, interpretada e reinventada por artesãos comuns, cujos ofícios eram considerados, ainda na tradição medieval, como “artes mecânicas”. A Arquitetura, uma “arte liberal” erudita, com suas raízes na Antigüidade Clássica e na Renascença, estava ausente do contexto colonial, onde havia apenas artesãos, trabalhadores ocupados em qualquer atividade, que reproduziam o engenho de outrem. Não se podia dizer, com Borromini, *non mi sarei posto a questa professione con fine d'esser solo copista* (“não seguiria esta profissão com o objetivo de ser apenas um copista”) <sup>10</sup>. Como diz o ditado, “um artista vive em qualquer lugar”, mesmo nas minas da colônia, mas será sempre alguém “com uma ocupação”, não um verdadeiro criador. “Artesão” deriva do latim *ars*, “capacidade de exercer um trabalho”, propriamente “uma técnica” e, assim, o artesão colonial estava mais próximo dos serviços do que dos senhores, em certo sentido, no campo da arte popular. Entretanto, estava, também, em contato com a cultura erudita, pois se esperava que reproduzisse esquemas europeus.

A Ordem Terceira de São Francisco de Assis, uma instituição católica aristocrática nas zona de mineração, queria construir um templo que enfatizasse sua riqueza e influência, na segunda metade do século XVIII. O edifício da Igreja nunca exerceria, nesta cidade colonial, o mesmo papel que teria em uma capital européia, em particular, em Roma. A ausência de cúpula é uma característica comum em Portugal e nas suas colônias e a preferência de Aleijadinho por este modelo não-canônico foi interpretado como uma leitura popular da Arquitetura erudita. O plano da construção mistura, ainda uma vez, o estilo jesuíta (Figuras 13 e 14) [anexos 13 e 14], prevalente na colônia, com algumas características eruditas do Barroco, como, em particular, o caso do uso do paredes convexas, não em ângulo reto, à maneira do Convento San Carlo, em Roma, obra de Borromini. As duas

colunas jônicas, emprestadas da Arquitetura erudita européia, servem a um propósito diverso na Igreja de São Francisco pois, no Barroco italiano, as colunas clássicas aludem tanto aos monumentos da Antigüidade Clássica, ainda visíveis hoje, como à pretensão da Igreja Católica de continuar uma tradição multiseular. Na colônia, sem vestígios antigos, com um povo sem passado, mas que vivia o presente buscando um futuro melhor<sup>11</sup>, as colunas jônicas tinham uma função plástica, reforçando o vertical sobre o horizontal, como em um forte militar. A Igreja exercia, portanto, um papel simbólico, como proteção para o povo comum, como um abrigo para todos que, de outra forma, estariam nas mãos das autoridades, senhores, funcionários e, até mesmo, preladados. De fato, os Tribunais do Santo Ofício, muito ativos nos distritos mineiros, poderiam ser contrapostos pela proteção da própria Igreja: "fora da Igreja, não há salvação", como dizia Santo Agostinho<sup>12</sup>.

Uma contribuição excepcional do estudo da cultura material consiste, na verdade, no fato de permitir que tenhamos acesso não apenas à elite, mas à sociedade como um todo. Ao lados das cidades colônias, havia assentamentos urbanos que surgiram nos interstícios da exploração, na forma de acampamentos de fugitivos da escravidão, os quilombos. O estudo do quilombo de Palmares, aquele que mais foi estudado até o momento, e o maior e mais persistente, já resultou na publicação, após duas etapas de campo, de quatorze artigos acadêmicos, seis deles publicados em inglês, no exterior<sup>13</sup>, e vem sendo objeto de reflexão em inúmeros centros de Arqueologia, mundo afora, graças, também, ao seu papel proeminente no livro de Orser *A Historical Archaeology of the Modern World*. O trabalho de campo continua a produzir resultados.

O estudo de quilombos, usando tanto documentos como material arqueológico<sup>14</sup>, começou há alguns anos. O maior mocambo, entretanto, não havia sido estudado pela Arqueologia até o início dos anos 1990, quando decidimos prospectar a área. Os relatos históricos sobre este Estado baseiam-se, principalmente, nos documentos holandeses e portugueses. Os quilombos estabeleciam-se nas áreas onde havia fazendas escravistas, como no nordeste do Brasil, e é provável que assentamentos de fugitivos tivessem se estabelecido na serra, entre 60 e 100 quilômetros da costa, já no início do século XVII. O fato de Portugal estar sob governo espanhol (1580-1640) pode ter contribuído para o relaxamento do controle colonial, tornando

mais fácil para os escravos a criação de uma república autônoma. Os portugueses chamavam esses mocambos “Palmares”, pelas palmeiras, enquanto os habitantes preferiam a denominação “Angola janga” ou “Angolinha”. Embora viessem de diferentes partes do continente africano, a maioria devia falar dialetos bantos, como sugere o nome “Angola” (Figuras 15, 16 e 17) [anexos 15,16 e 17].

Antes do fim do domínio espanhol, os holandeses estabeleceram uma colônia, em 1630, no nordeste do Brasil, embora os colonos portugueses tenham continuado a viver sob os novos colonizadores, o que acabou por criar um foco constante de conflito entre os portugueses, na Bahia, e os holandeses, em Pernambuco. Estes confrontos podem ter dado oportunidade de crescimento ao quilombo, pois os quilombolas podiam jogar com as rivalidades coloniais. O holandês Bartolomeu Lintz viveu em Palmares e descreve um grande assentamento e um menor, com muita gente vivendo, de forma dispersa, nos vales. Muitos ataques holandeses fracassaram, ao tentar destruir o quilombo, cujas aldeias cresciam em tamanho e número. Em 1645 Reijmbach comandou um ataque contra a capital, descrita como uma cidade cercada por dupla paliçada. O local compreendia mais de 200 habitações, uma capela, quatro forjas, um praça de reuniões, presididas por um chefe chamado de “rei”.

Após a expulsão dos holandeses, que ocorre em seguida, os colonos mantiveram relações comerciais com os quilombolas e sabemos que o Estado era governado da capital, Macaco, por um Grande Senhor, chamado Ganga Zumba. O Estado, conhecido nos documentos da época pelo termo genérico “República”, nome que designava qualquer tipo de Estado, compreendia algumas aldeias, na maioria com nomes bantos, algumas delas com topônimos tupis. Milhares moravam aí e, ainda que atacados anualmente, continuavam a crescer e chegaram a celebrar um tratado de paz em Recife, entre Ganga Zumba e as autoridades. Não se aceitou essa acomodação e, tendo o rei sido morto, foi substituído pelo seu sobrinho, Zumbi. As forças regulares não davam conta de vencer o Estado rebelde e as autoridades tiveram de contratar os paulistas (bandeirantes), sob o comando de Domingos Jorge Velho, com a promessa de entregar-lhe os despojos de guerra. Em fevereiro de 1694 Macaco caiu, diversos rebeldes fugiram, entre eles Zumbi, que foi capturado e morto, em 20 de novembro de 1695. Hoje, ainda há vozes discordantes, que se alegram pela destruição de Palmares, como é o caso de

Evaldo Cabral de Melo, cujo julgamento severo merece ser citado na íntegra<sup>15</sup>:

“Não dá para mudar o que foi Palmares. Foi uma república negra, foi esmagada, e eu prefiro, aqui para nós, que isso tenha acontecido”.

Muitos outros, contudo, consideram Zumbi e Palmares importantes símbolos para os afro-brasileiros e, na verdade, para todos os que lutam contra a opressão e pela liberdade.

O estudo arqueológico deste grande Estado rebelde centrou-se em um único assentamento, a Serra da Barriga, conhecida no século XVII como “Oiteiro da Barriga”, identificada pela população local e pelos estudiosos como a capital do reino. Hoje, localiza-se na área rural de União dos Palmares, tendo cerca de 4.000 metros de leste a oeste e de 500 a 1.000 metros de norte a sul, elevando-se de 150 a 560 metros acima do nível do mar, originalmente em região florestal. Duas etapas de campo (1992-3) foram realizadas, a fim de confirmar que esta Serra, declarada Monumento Histórico Nacional em 1985, era, realmente, um quilombo, o que foi feito por meio de prospeções de superfície e trincheiras e quadrículas de sondagem. A cerâmica, presente em toda parte, poderia ser considerada de tradição indígena, européia ou mesclada. A segunda fase do trabalho arqueológico tem sido conduzida por um doutorando, Scott Allen, cuja dissertação de mestrado versou sobre a cerâmica e que continua a pesquisar a Serra, desde 1996.

Graças à publicação de artigos e livros com análises arqueológicas explícitas de Palmares, ainda que o trabalho de campo esteja em suas fases iniciais, a Serra da Barriga é, hoje, o sítio histórico melhor conhecido fora de nosso país e seu estudo produziu estudos teóricos sem paralelo no subcontinente. A seguir, apresento os principais resultados, enfatizando seus diferentes quadros analíticos e conceituais. Orser<sup>16</sup> integrou a Arqueologia de Palmares à perspectiva global que desenvolve, detalhadamente, em seu livro sobre a Arqueologia do mundo moderno. Os palmaristas mantinham fortes laços com as redes coloniais européias, praticando o escambo com os colonos e, considerando-se os conflitos interiores na sociedade colonial, Orser é tentado a sugerir que alguns colonos, ao menos, devem ter sentido liames mais estreitos com os quilombolas do que com sua elite dirigente, em particular os latifundiários. Além disso, como há referências, nos documentos escritos, à perseguição a judeus, muçulmanos, heréticos, bruxas e outros marginalizados, e à presença de alguns desses grupos em Palmares, é difícil superestimar os contatos entre rebeldes e colonos.

Os sertões eram habitados por diferentes grupos étnicos, na maioria falantes de línguas do tronco tupi e, nas fazendas litorâneas, os proprietários costumavam misturar “negros da terra” (índios) com “negros da Guiné” (africanos). Considerando-se a presença de cerâmica de estilo indígena no sítio (Figura 18) [anexo 18], as referências, nos documentos, a nativos que mantinham relações amigáveis com os quilombolas e viviam nos mocambos, e mesmo o fato de que três aldeias de Angola Janga tinham nomes nativos (Arotirene, Tabocas, Subupira), é natural supor que alguns grupos tenham se aliado às forças coloniais, enquanto outros pudessem compartilhar preocupações comuns com os rebeldes. Entretanto, a maioria dos que viviam no quilombo eram, pode supor-se, nascidos na África ou de origem africana. O tráfico negreiro trazia gente de Angola, muitos deles já cativos em África, envolvidos em redes sociais africanas, ainda que Orser proponha que a dupla escravização, assim como o novo ambiente social das fazendas, tenham levado esses fugitivos a ter laços frouxos com as tradições africanas. Um possível exemplo é a instituição de um campo de guerra, conhecido em Angola como *kilombo*, que era o resultado da intervenção européia em África, pois Palmares recebeu, também, o nome de “quilombo”.

A abordagem mutualista, proposta por Orser, tenta juntar as evidências arqueológicas e escritas e explicar a importância tanto de relações de grande como de pequena escala, desvalorizando a noção de uma “cultura” e enfatizando a conexão entre as comunidades, no mundo moderno, de maneira que africanos, nativos da América do Sul e europeus não podem ser dissociados. Palmares só pode ser devidamente entendida no contexto do colonialismo global, do Europocentrismo, do capitalismo e da modernidade, cada um destes elementos sendo central para a Arqueologia Histórica, em geral, e para o entendimento de Palmares, em particular.

O estudo da cerâmica de Palmares por Allen estabeleceu a presença de três principais tipos: nativa, européia e local (figura 19) [anexo 19]. Rejeitando a noção de manutenção de “traços” africanos, nativos ou europeus, no registro arqueológico, Allen preferiu enfatizar que os habitantes de Palmares forjaram uma cultura nova, *sincrética*, em um *contexto* específico. A interpretação contextual facilita a compreensão do papel da cerâmica, já que se relaciona a redes de troca, à organização social, aos padrões de assentamento, à criação de identidade e assim por diante. A presença de tipos cerâmicos de estilo nativo ou

européu ressalta a integração de Palmares em um sistema regional mais amplo, uma sociedade não isolada, mas cujos escravos fugidos conheciam, muito bem, a situação colonial e construíram uma cultura e uma identidade que podia ser usada em suas interações tanto com colonos como com indígenas. Usando a abordagem etnogenética, propõe que o processo de se tornar um novo grupo cultural, que se identificava como palmarino, desafia a busca histórico-cultural de identificadores étnicos e deveria contribuir para o desenvolvimento de um novo foco de atenção na construção da formação da identidade cultural e étnica do grupo quilombola em Palmares.

Rowlands vai mais adiante e sugere que o sítio já era ocupado por indígenas, junto aos quais os primeiros quilombolas encontraram refúgio e que, arqueologicamente, o quadro não indica nem uma sociedade multiétnica, resultado da fusão e da assimilação, nem uma sociedade baseada na diferença étnica. Há, pois, a possibilidade de ter existido uma estrutura mais pluralista, com relativamente pouca diferenciação na cultura material, na maior parte do sítio, mas com uma distinção crescente da elite em áreas específicas do assentamento. Palmares não era, segundo Rowlands, um sítio de refúgio, mas devia seu surgimento, sobrevivência e destruição final ao papel que desempenhava no comércio entre a costa e o interior, já que os interesses mercantis e dos palmarinos se opunham àqueles da nobreza e dos latifundiários que, ao final, foram vitoriosos, devido à força dos grupos pré-capitalistas, tanto em Portugal como na colônia. Além disso, o ideal da mescla racial, que começaria a dominar a partir do final do século XVII, pelo fato de ser mais fácil reproduzir os escravos no local do que importar novos africanos, foi um efeito colateral da destruição de uma tendência pluralista, que se esboçava com o florescimento de Palmares.

Como sugere o quadro interpretativo de Rowlands, Palmares também pode ser abordado enfatizando-se a continuidade, em vez da mudança, já que o colonialismo e o europocentrismo são práticas cujas origens remontam ao mundo romano<sup>17</sup>. Ademais, como a sociedade colonial, especialmente no mundo ibérico, recriava instituições e mentalidades de cunho feudal, como as câmaras municipais, o culto à Virgem, a estrutura social medieval, a presença da Igreja, as ordenações administrativas e comerciais, o escolasticismo e assim por diante, a sociedade palmarina não estava apenas enredada com outros grupos contemporâneos, como colonos, nativos e africanos, mas, também, com o passado.

Não podemos entender que mouros estejam citados em documentos referentes a Palmares se não atentarmos para a mentalidade católica, de cruzada, das autoridades coloniais, que perseguiram os infiéis, tal como definidos por um pensamento de matriz medieval. O mesmo se aplica a outras continuidades, como o uso dos títulos africanos *nganga* e *nzumbi* para se referir aos líderes rebeldes, pois esses “reis”, como são descritos nas fontes européias, eram considerados sagrados, de acordo com as tradições religiosas africanas. É verdade que *nganga* era, em África, a tradução de “padre católico”, mas era o sacerdote da Igreja que estava sendo reinterpretado em quadros conceituais africanos, a tal ponto que mesmo o catolicismo, praticado em África e em Palmares, estava profundamente envolto em uma *Weltanschauung* africana. Os ameríndios, cuja cerâmica e toponímia eram comuns em Palmares, estabeleciam continuidades com a humanização da paisagem no interior do nordeste, na medida em que vasos, serras, rios e outros contextos ambientais eram interpretados de acordo com suas próprias tradições locais, mais do que africanas ou européias.

O estudo da cultura material, portanto, revela facetas pouco exploradas de nosso passado, permitindo que tenhamos da nossa História uma visão mais abrangente, menos parcial e reduzida a segmentos minoritários. Não fosse por outras razões, só isto já bastaria para aprofundarmos nosso interesse na pesquisa dos mais variados aspectos da cultura material.

## Notas

<sup>1</sup> Esta conferência representa uma reelaboração, em português e com modificações, de parte do capítulo *Historical Archaeology in South America*, capítulo do *International Handbook of Historical Archaeology*, organizado por Teresita Majewski e Charles E. Orser, Jr, a ser publicado, em 1998, pela Plenum Press, de Nova Iorque.

<sup>2</sup> In “Impressões do eu no império”, resenha de História da Vida Privada no Brasil, vol. 2, *Jornal de Resenhas*, 11/10/97, referindo-se à ausência de uso da cultura material e ao ponto vista das elites, adotado em diversos capítulos: “surpreende, contudo, que não haja aqui mais presença da cultura material, capaz de elucidar tão bem o passado...ademais, alguns capítulos parecem tomar o ponto de vista das elites que estudam”. Estas observações explicam-se pela diferença entre os Estados Unidos e o Brasil, pois lá a Arqueologia História desenvolveu-se muito e não é ignorada pela História, enquanto, entre

nós, o estudo da cultura material não está tão expandido. Além disso, enquanto na academia americana o ponto de vista da elite e a cultura material erudita são contrastados à cultura popular, aqui se aceita, ainda, um viés que toma a parte, da elite, como representativa do todo social. A cultura material, ao centrar-se nos vestígios de ricos e pobres fornece dados particularmente relevantes para a reconstrução das relações sociais. Esta conferência procura dar alguns exemplos.

<sup>3</sup> S.B. de Holanda, **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984; M. Marx, *Nosso Chão: do sagrado ao profano*. São Paulo, EDUSP.

<sup>4</sup> Cf. A. Zarankin, **Arqueología Histórica Urbana en Santa Fe la Vieja: el final del principio**. Columbia, The University of South Carolina Press, 1995.

<sup>5</sup> M.X. Senatore, **Tecnologías nativas y estrategias de ocupación española en la región del Río de la Plata**. Columbia, The University of South Carolina, 1995.

<sup>6</sup> S. Fusco, Colônia del Sacramento, un relevamiento sistemático en la zona urbana, **Boletín de Arqueología**, 2, 31-41.

<sup>7</sup> D. Schávelzon, **La Arqueología Urbana en la Argentina**. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1992.

<sup>8</sup> D. Schávelzon, **Arqueología e historia de la Imprenta Coni**. Buenos Aires, Columbia, The University of South Carolina, 1994: 41.

<sup>9</sup> L.G. Machado, **Barroco Mineiro**, São Paulo, Editora Perspetiva, 1978.

<sup>10</sup> Citado em B. Zevi, **Barocco, Illuminismo**, Roma, Newton, 1995: 32.

<sup>11</sup> R.Q. Pifano, A concepção arquitetônica de Aleijadinho - Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, **Locus** 2: 136.

<sup>12</sup> *De Bapt.* IV.

<sup>13</sup> P.P.A. Funari, La cultura material y la Arqueología en el estudio de la cultura africana en las Américas, **América Negra** 8, 1994, 33-47; The archaeology of Palmares and its contribution to the understanding of the history of African-American culture, **Historical Archaeology in Latin America** 7, 1995, 1-41; A cultura material de Palmares: o estudo das relações sociais de um quilombo pela Arqueologia, **Idéias** 27, 1995, 37-42; A "República de Palmares" e a Arqueologia da Serra da Barriga, **Revista USP** 28, 1996, 6-13; A Arqueologia de Palmares, sua contribuição para o conhecimento da História da cultura afro-americana, in **Liberdade por um fio, História dos quilombos no Brasil**, organizado por J.J. Reis e F.S. Gomes, São Paulo, Cia da Letras, 1996, 26-51; Novas perspectivas abertas pela Arqueologia na Serra da Barriga, in **Negras Imagens**, organizado por L.N. Schawtcz e L.V.S. Reis, São Paulo, EDUSP, 1996, 139-152; Archaeological theory in Brazil: ethnicity and politics at stake, **Historical Archaeology in Latin America** 12, 1996, 1-13; C.E. Orser, Jr, *In search of Zumbi*, Normal, Illinois State University, 1992; *In search of Zumbi, the 1993 season*, Normal, Illinois State University, 1993; Towards

a global historical archaeology: an example from Brazil, *Historical Archaeology* 28, 1994, 5-22; *A Historical Archaeology of the Modern World*, Nova Iorque, Plenum, 1996; C.E. Orser & P.P.A. Funari, Pesquisa arqueológica inicial em Palmares, *Estudos Ibero-Americanos* 18, 1992, 53-69; M. Rowlands, Black identity and sense of pas in Brazilian national culture, in *Back from the Edge, Archaeology in history*, organizado por P.P.A. Funari, S. Jones e M. Hall, Londres, Routledge, no prelo; S.J. Allen, Africanisms, mosaics, and creativity: the historical archaeology of Palmares, *Idéias*, no prelo; The ethnogenesis of the Palmarino: preliminary directions in the historical archaeology of a seventeenth-century Brazilian quilombo, *Revista de História da Arte e Arqueologia* 3, no prelo.

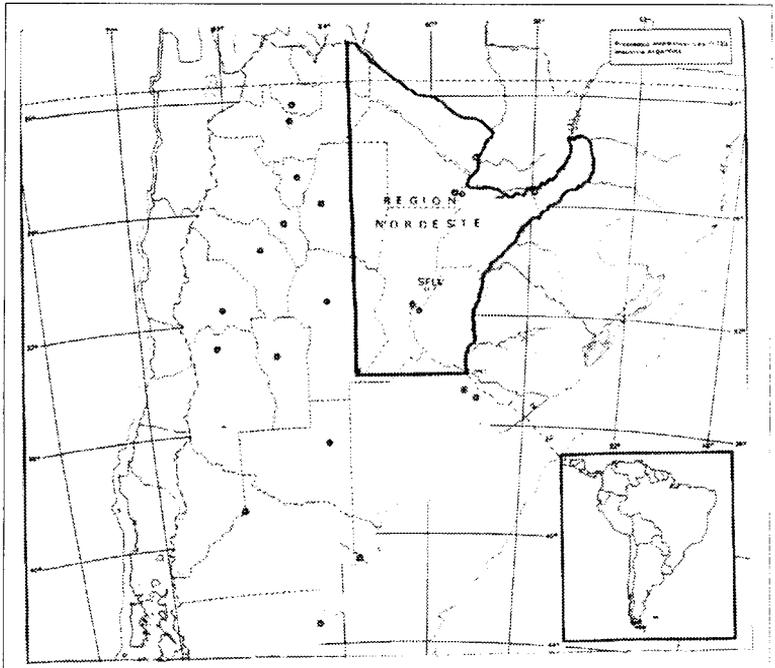
<sup>14</sup> C.M. Guimarães, O quilombo do Ambrósio: lenda, documentos e Arqueologia, ***Estudos Ibero-Americanos***, 16, 1990, 161-174.

<sup>15</sup> In P.M. Leite, No túnel da História, *Veja*, 31 de janeiro de 1996: 104.

<sup>16</sup> Os trabalhos citados a seguir já foram apresentados em nota anterior.

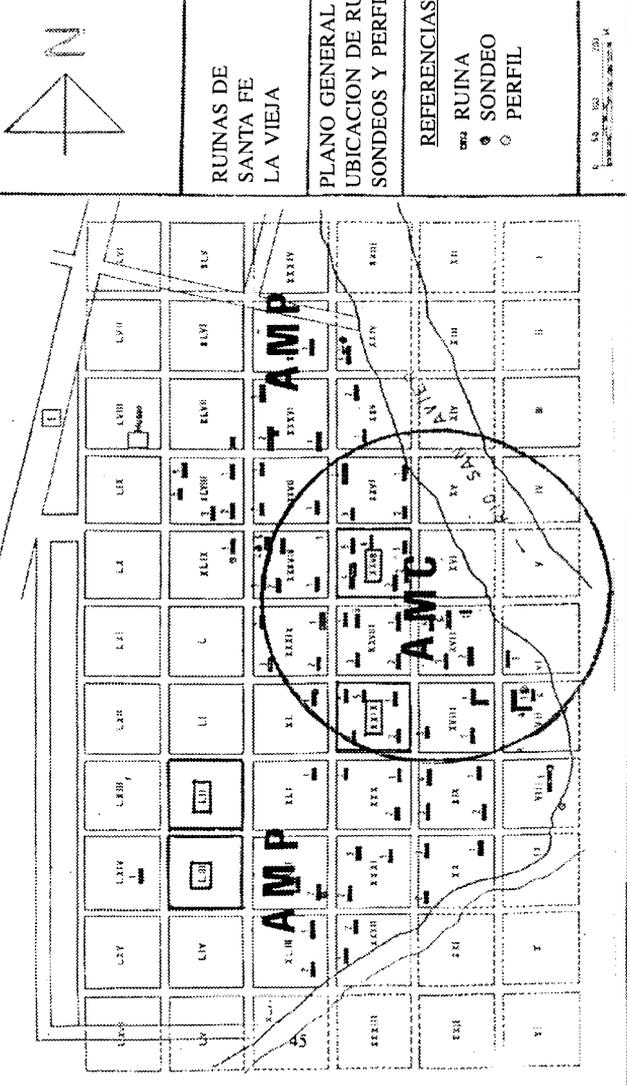
<sup>17</sup> M. Johnson, **Review, towards a world historical archaeology**, *Antiquity* 71, 1997: 221.

# ANEXO 1

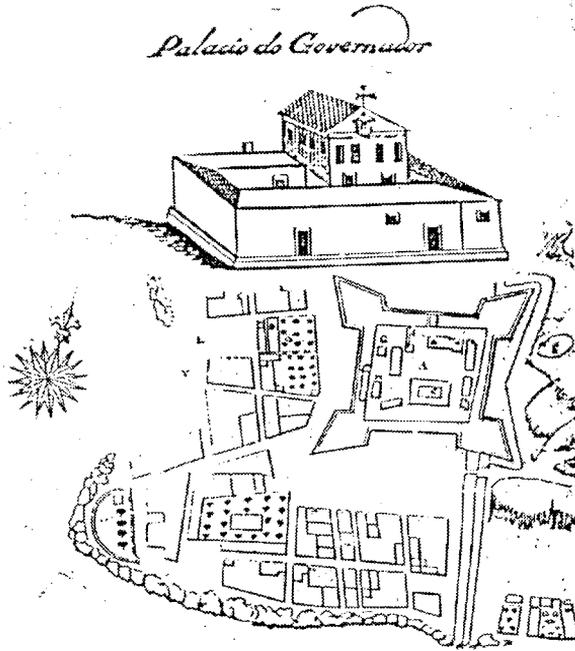


# ANEXO 2

AMC - ÁREA DE MANZANAS CENTRALES  
 ACP - ÁREA DE MANZANAS PERIFÉRICAS



ANEXO 3



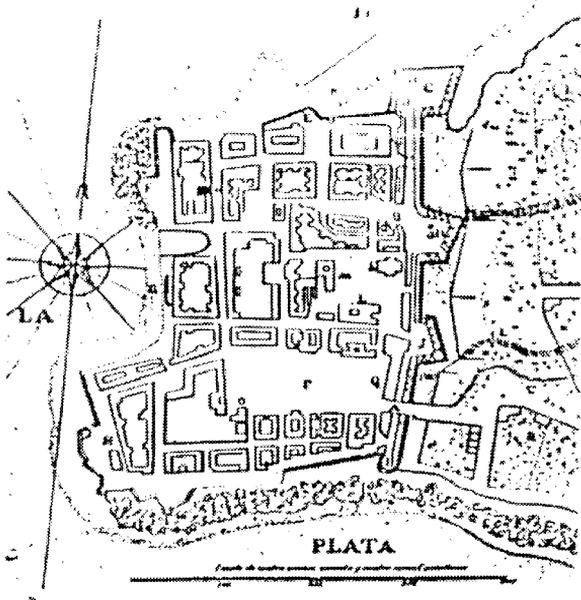
10

1731: Carta topográfica de Nueva Colonia y Ciudad del Sacramento en el Gran Río de la Plata, Diego Soarez

C - Casa del Gobernador

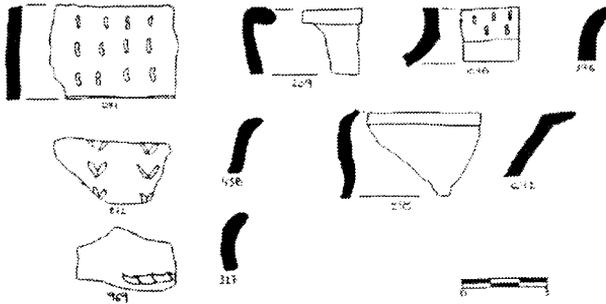
B - Planta de la Iglesia

## ANEXO 4



1762: Plano de la Plaza de la Colonia del Sacramento D. Tomas Lopez. ( L - Casa del Gobernador)

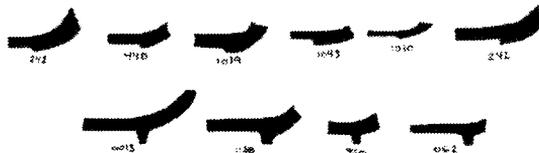
## ANEXO 5



Cerámica indígena: bordes y decoraciones de superficie



Cerámica Mestiza: bordes y fragmento decorado del tipo Monocromo Rojo

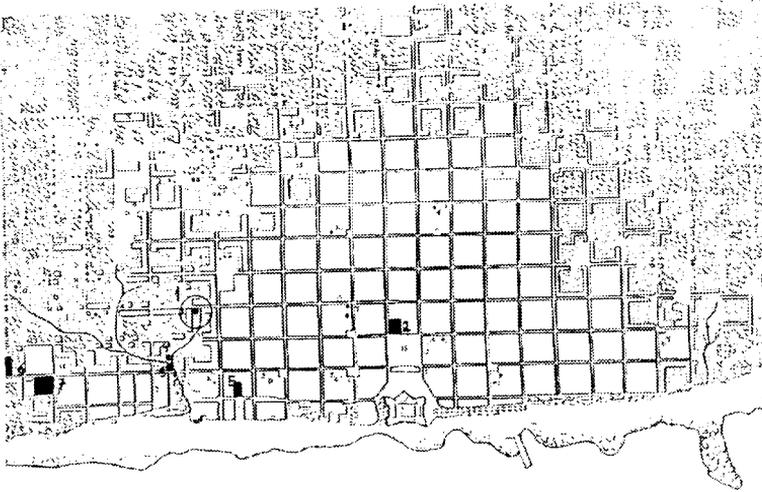


Mayólica española tipo Morisca, bases de los siglos XVI y XVII (arriba) y del siglo XVIII (abajo)



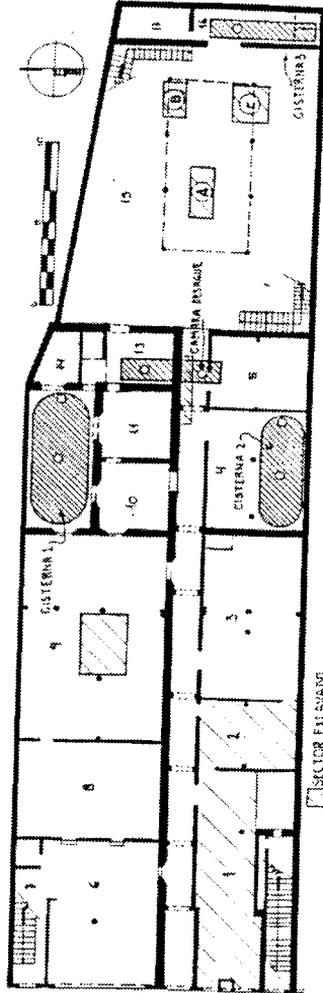
Cerámicas tipo El Morro, bordes y bases. Fragmento de azulejo español siglo XVIII de cinco colores

## ANEXO 6



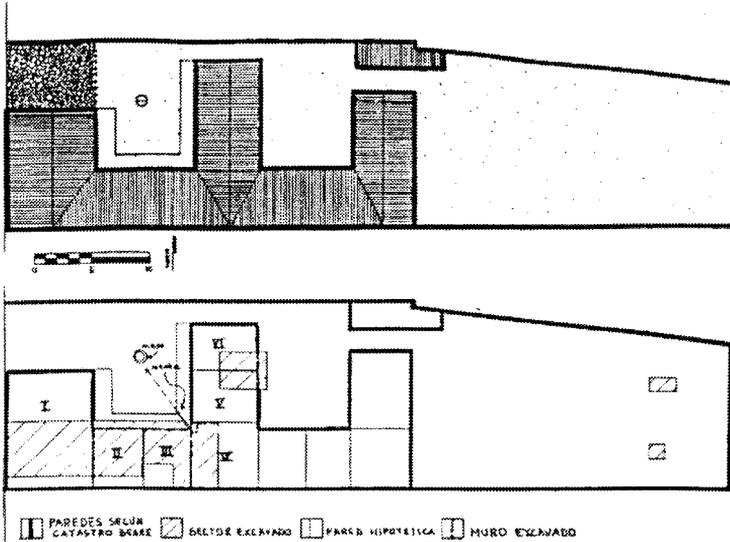
Buenos Aires en 1806: los arroyos limitan su crecimiento urbano al sur y al norte; ya se ha poblado el Alto de San Pedro cruzando el Tercero de Sur definiendo la estructura actual de la ciudad. La casa Rodríguez (1) está bien representada. Otras excavaciones cercanas: Cabildo (2), Defensa 751 (3-4), Balcarce 531 (5), Defensa 1469 (6), Iglesia de San Telmo y Residencia Jesuitica (7).

# ANEXO 7

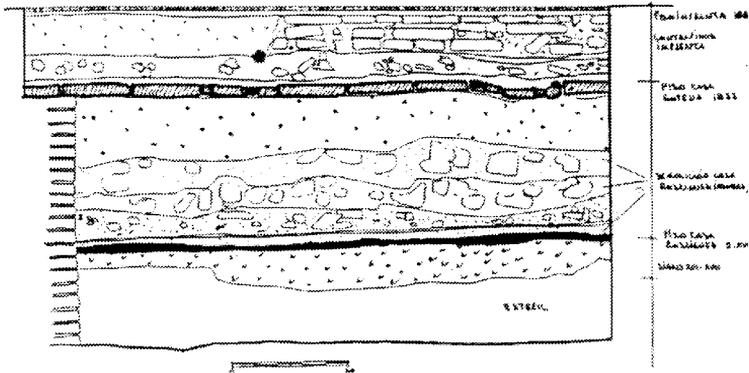


Plano actual de la Imprenta Comi indicado los sitios de excavación, las cisternas y la cámara subterránea descubierta; el Taller figura con el número 15. Puede compararse la forma del lote con la del Catastro Beare.

## ANEXO 8

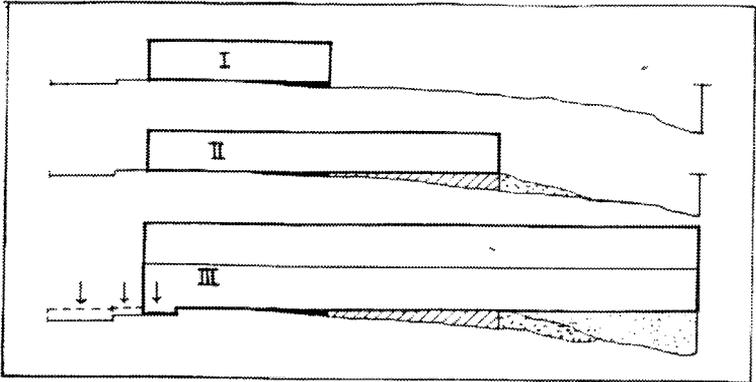


Planta de la casa Goyena según el Catastro Beare (1860), abajo se indica el sector excavado, las divisiones interiores y otros datos obtenidos en la excavación.

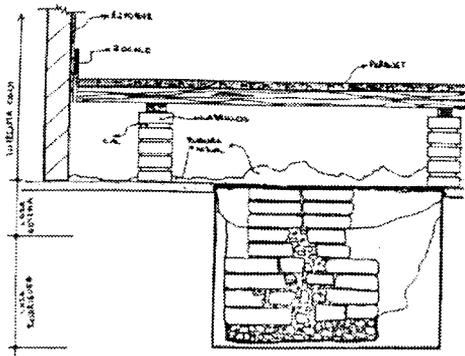


Corte estratigráfico de la habitación 9, en que se observa la secuencia de las tres construcciones superpuestas

## ANEXO 9

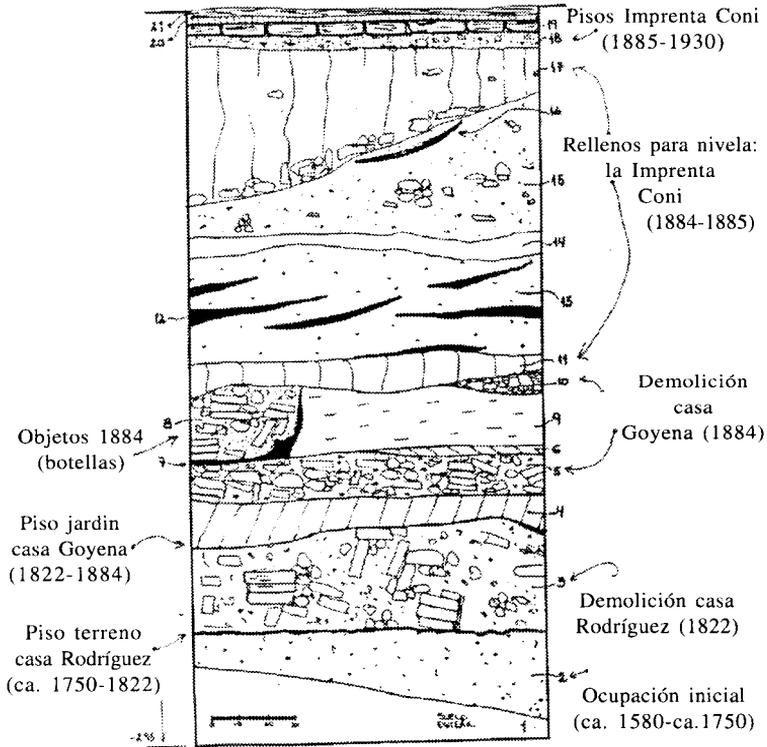


Proceso de transformación del terreno: I) casa Rodríguez (ca. 1750) en el terreno original con desnivel hacia el Tercero; II) casa Goyena (1822) y el relleno hecho con la demolición de la anterior; III) Imprenta Coni (1884/5) nivelando todo el terreno posterior y bajando el nivel de la calle.



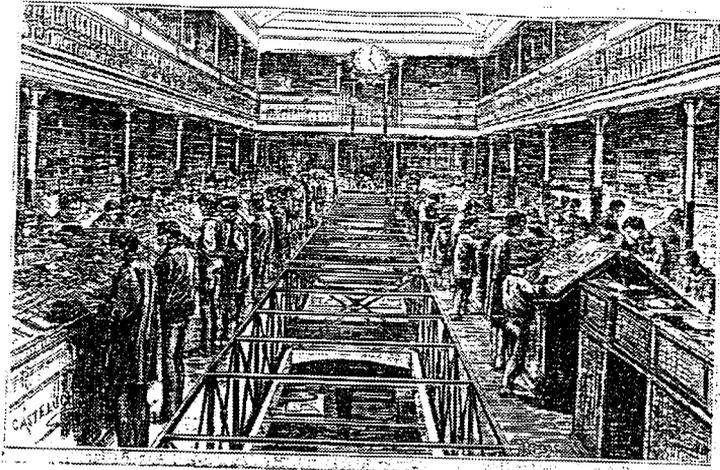
Habitación 1, perfil mostrando la superposición del piso de madera de la Imprenta sobre los cimientos de la casa Goyena.

## ANEXO 10

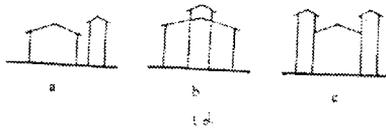


Corte estratigráfico (oeste) en la Cuadrícula I del Taller. Se trata de la parte posterior del terreno sobre el borde del Tercero del Sur, con la interpretación histórica de la secuencia de eventos.

## ANEXOS 11 e 12



Vista del interior de la imprenta de N. Ramírez y Cía. a fin del siglo XIX, en la sección cajistas. Nótase en entresuelo superior, el techo vidriado y el nivel inferior para la maquinaria

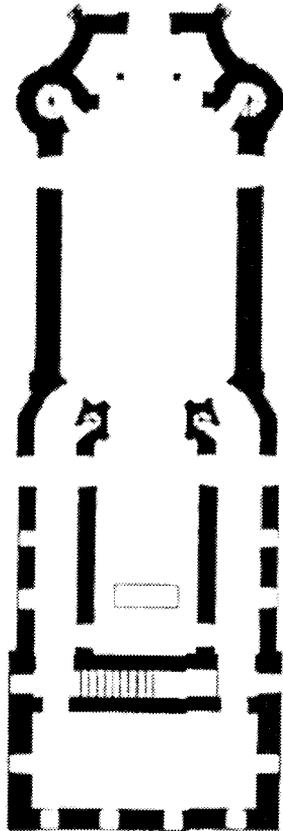


## ANEXO 13

Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em Ouro Preto. Minas Gerais

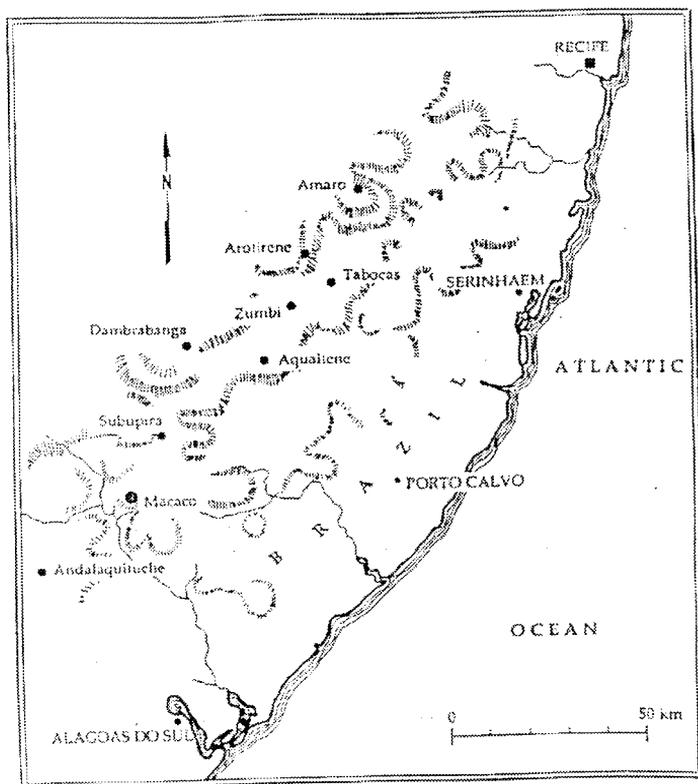


ANEXO 14

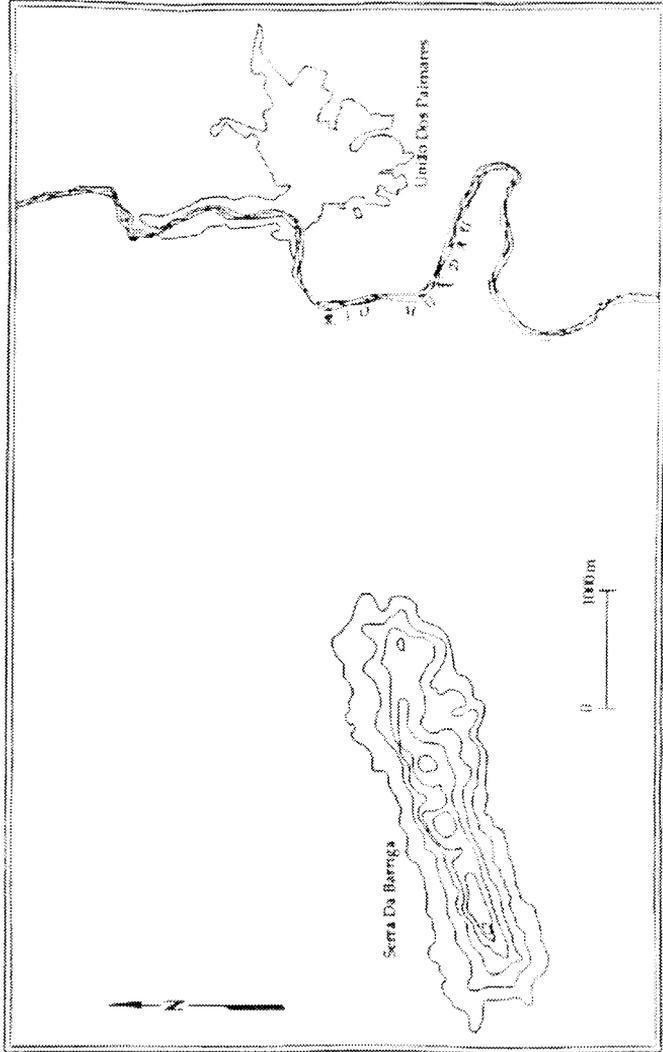


Planta da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em Ouro Preto.  
Minas Gerais.

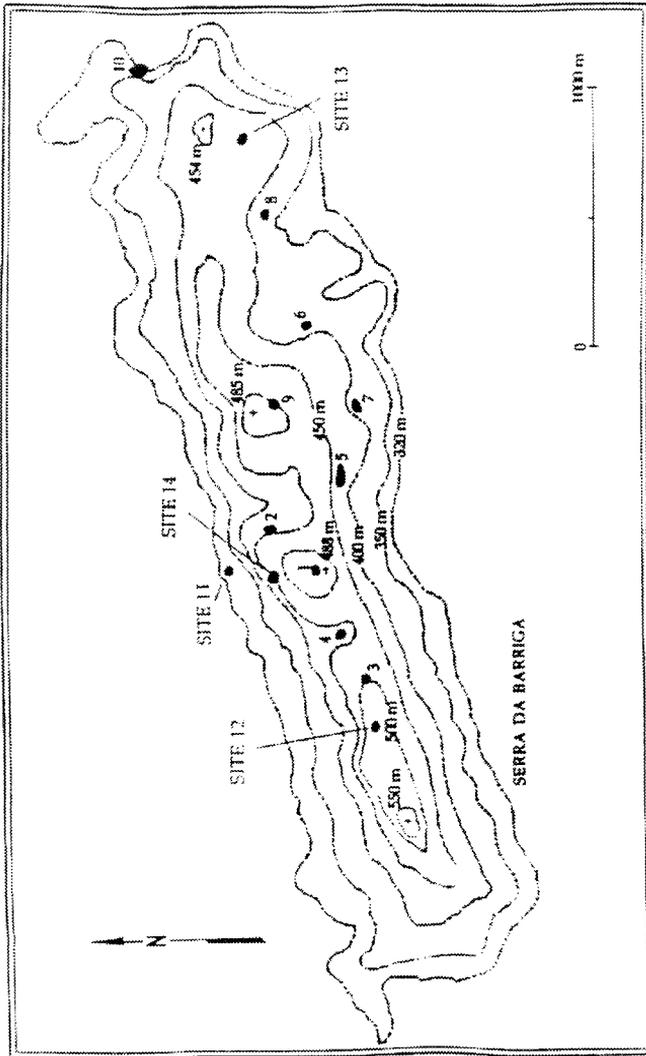
# ANEXO 15



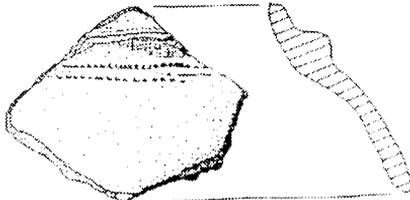
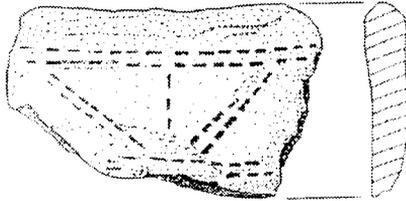
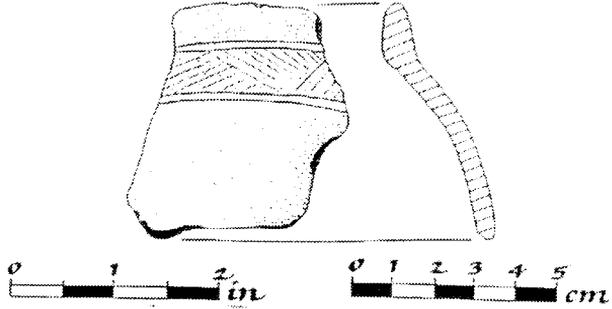
ANEXO 16



# ANEXO 17



ANEXO 18



# ANEXO 19

